



nara roesler

TEFAF NEW YORK 2024

booth 208

preview

9 de maio, apenas convidados

abertura

10–14 de maio

park avenue armory

643 park avenue

nova york, eua

**abstração como tramados e sombras:
gego, mira schendel, sheila hicks,
tomie ohtake, amelia toledo,
heinz mack, norberto nicola,
abraham palatnik.**

A Nara Roesler concebeu para esta edição da TEFAF New York 2024, uma apresentação que inclui uma seleção de obras de mestres da abstração moderna da Europa e das Américas. Com um peso especial dado à presença de um grupo de artistas mulheres de destaque, ativas em ambos os continentes durante a segunda metade do século XX, como Gego, Amelia Toledo, Mira Schendel e Sheila Hicks, a apresentação também incluirá obras de Norberto Nicola, Abraham Palatnik e Heinz Mack.

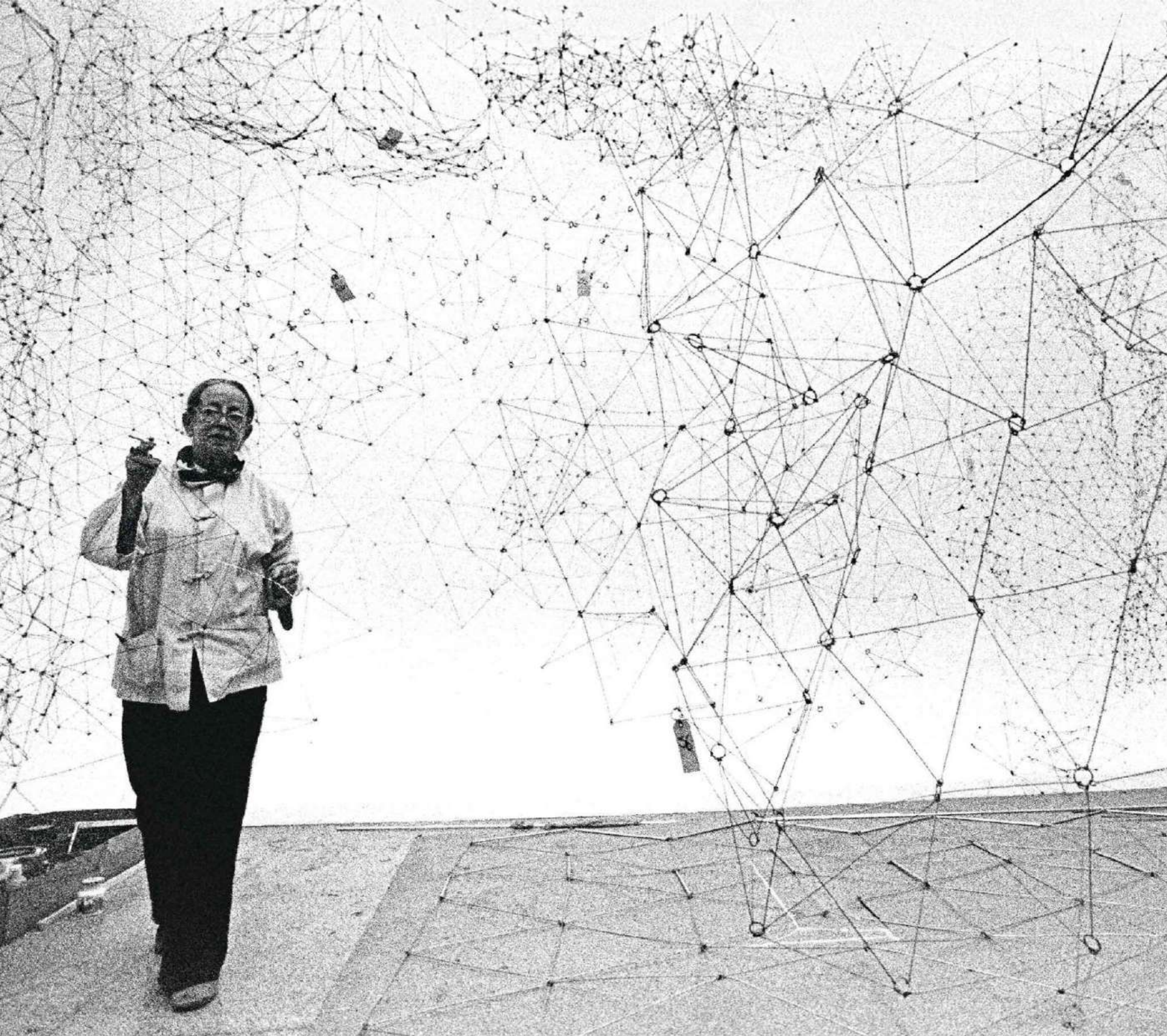
Desde a antiguidade, a ideia de marcas e a função das palavras têm sido reportadas ao conceito primitivo de ligação: *legein*, que significa dar nó, juntar, pegar e, por extensão, com seu poder de ligar o diverso, construir a metáfora ou vestir a metonímia, *legein* acabou significando também falar, dizer (logos). Não é um fato filológico insignificante que a própria noção de logos (pensamento) tenha sua raiz no grego arcaico *legein*.

Todo *legein* se traduz visualmente ou conceitualmente como uma trama, e todos os trabalhos desta seleção respondem ou ressoam com a ideia de trama. Todos são feitos de tramados, todos se traduzem como malhas, teias, entrelaçamentos e redes. Pode-se dizer que a trama está na origem das formas gráficas, incluindo palavras como gestos manuais humanos.

A exposição será estruturada por séries e ressonâncias transformacionais: A magnífica obra-prima de Gego - *Reticularea Column*, de 1969 - bem como seu magistral desenho esquemático e sóbrio *Drawing without Paper #11*, de 1976, serão

exibidos em conjunto com a série única e nunca exposta de monotipias gestuais de Mira Schendel (ca. 1964), dedicada à sua amizade intelectual com Amelia Toledo, apresentando um ritornello gestual com o nome de Amelia representado como um entrelaçamento gráfico, resumindo, portanto, tanto a abstração quanto a escrita. As pinturas de Amelia Toledo que apresentam uma espécie de pinceladas em forma de treliça e suas sublimes colagens da década de 1960 — com uma densidade sutil de papéis que lembram sombras coloridas —, ao mesmo tempo em que ecoam o efeito de skiagraphia de Gego — a escrita de sombras lançadas por suas esculturas —, ressoarão vis-à-vis a presença de um livro litográfico igualmente único e fundamental dedicado por Gego à própria gênese formal das linhas (*Lineas*, 1966), indiscutivelmente um trabalho seminal na carreira de Gego, conforme declarado na recente retrospectiva do Guggenheim. Linhas, fluxos de cores e sombras são elementos básicos de treliça e esquemas potenciais para composições tectônicas e ópticas, como mostrado nas obras de Heinz Mack, Abraham Palatnik e Tomie Ohtake, também dos anos 1960-70. Por fim, ecoando a sutileza estrutural de Gego e o profundo senso de cor de Amelia Toledo, as treliças literais de Sheila Hicks — seu impressionante conjunto intitulado *Talking sticks* (2024), que faz referência ao logotipo como palavra e ao nó como linguagem — serão justapostas ao trabalho ainda não descoberto internacionalmente do mestre têxtil brasileiro Norberto Nicola.

—Luis Pérez-Oramas



Gego instalando
Reticulárea no Museo de
Bellas Artes, Caracas, 1969
Foto: Juan Santana ©

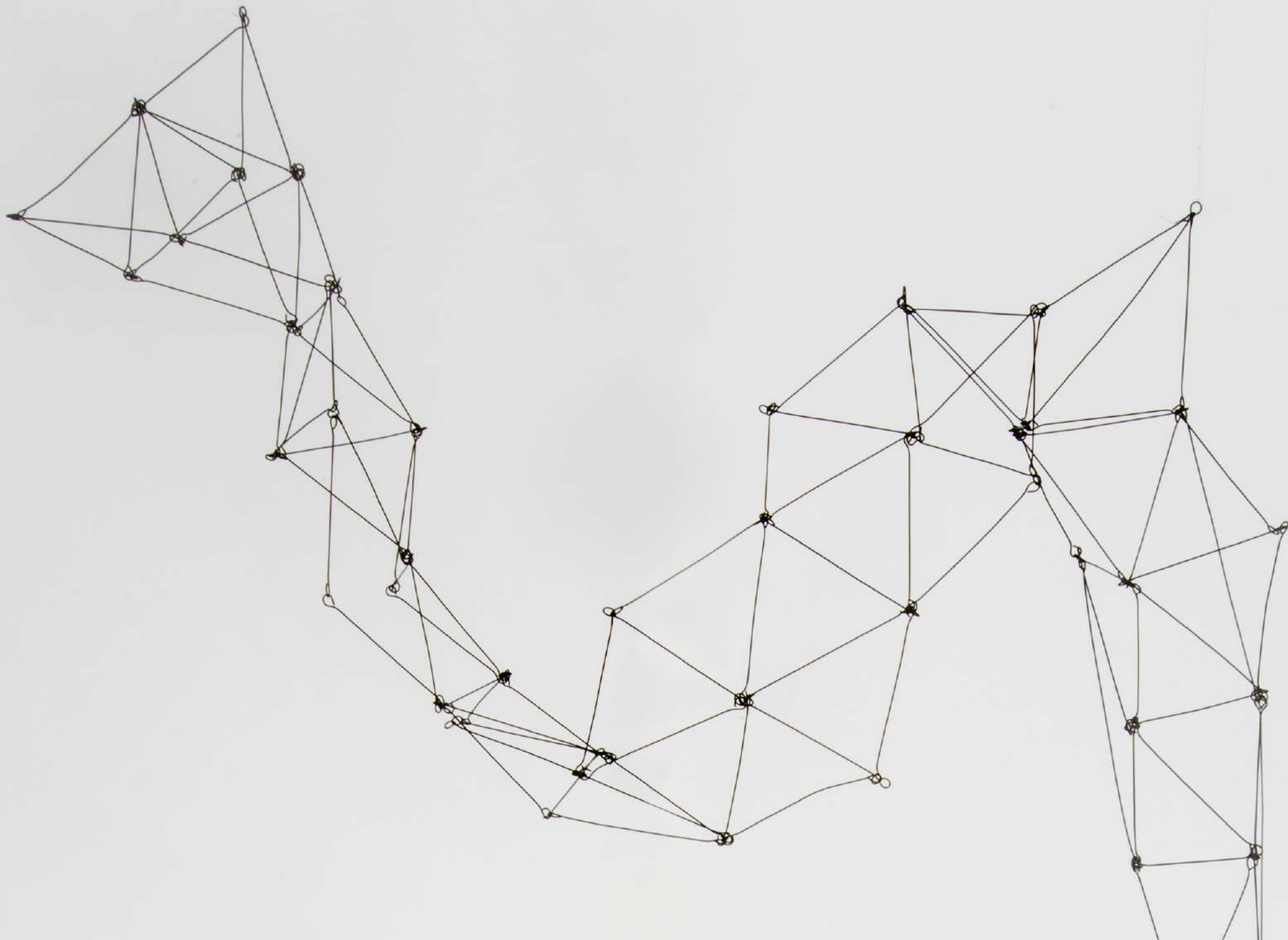
Gego (Gertrud Goldschmidt)
Columna reticulárea, 1969
ferro e tinta
248 x 42 x 26 cm
97.6 x 16.5 x 10.2 in



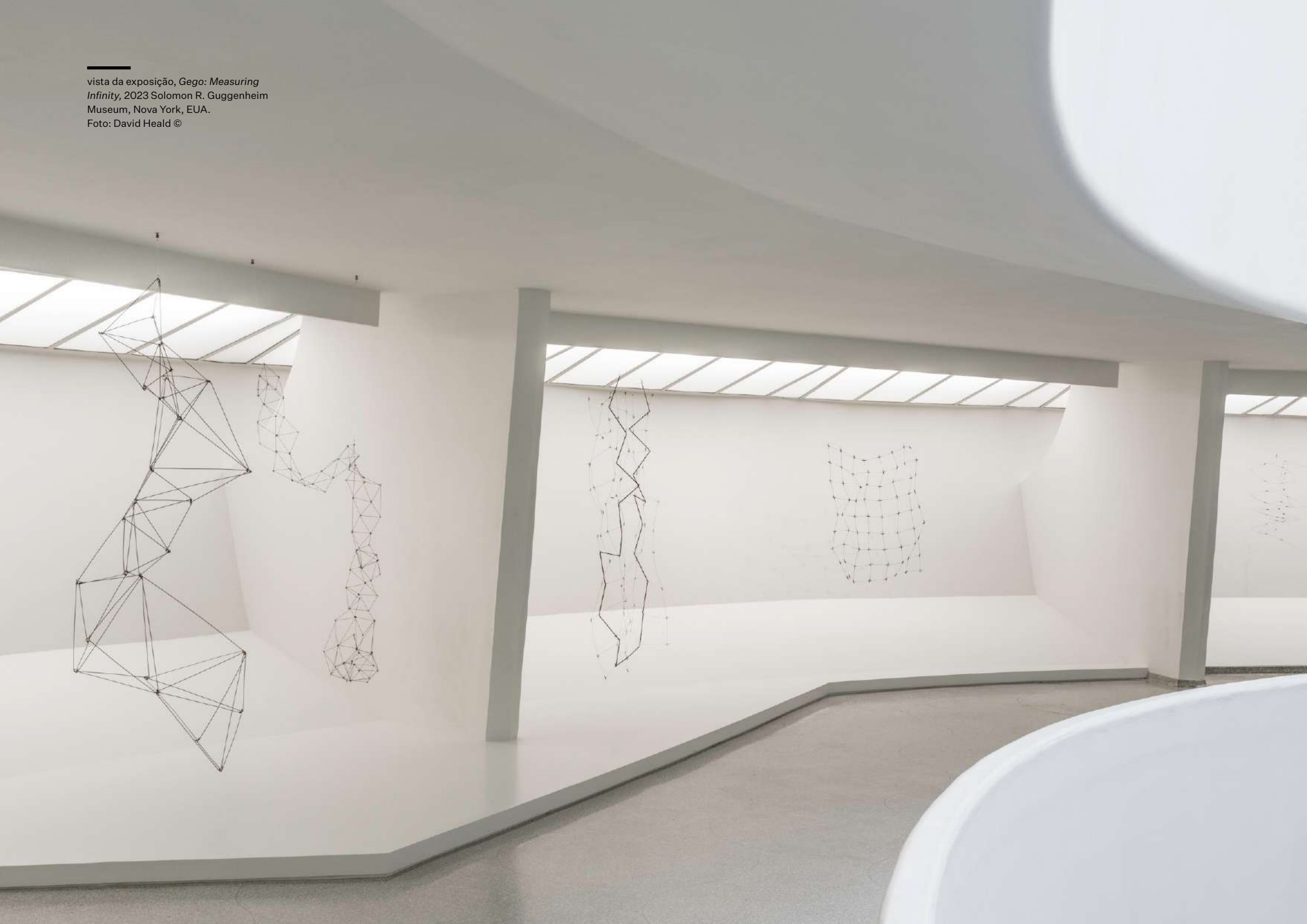
Importante artista da vanguarda venezuelana, Gego teve como um de seus principais eixos poéticos o estudo da linha e suas propriedades. Interessada na transparência do volume e na possibilidade de o mesmo poder ser observado por diferentes ângulos e pontos de vista, a artista conduziu suas investigações visuais para além dos suportes convencionais e passou a incluir espaço e espectador como partes importantes de seu trabalho.

Dois grupos de trabalhos são especialmente emblemáticos dessa busca: *Reticuláreas* e *Desenhos sem Papel*. Neles, a artista converte a linha, até então um elemento gráfico, em um objeto real, utilizando arames de ferro e aço para construir delicadas estruturas tridimensionais, cujos arranjos criam uma volumetria que se projeta no espaço por meio de sombras, obrigando o espectador a se deslocar no entorno das obras e assim perceber distintas configurações visuais. Nas palavras de Luis Pérez Oramas, “foi através dessa categoria de trabalhos que a artista conseguiu realizar um sonho da estética modernista: desenhar no espaço, emancipar a linha do suporte gráfico, demonstrar que nada é verdadeiramente bidimensional e reduzir o desenho à sua essência mínima, apenas como um jogo infinito de objetos-linhas e sombras”.

mais sobre gego (gertrud goldschmidt)

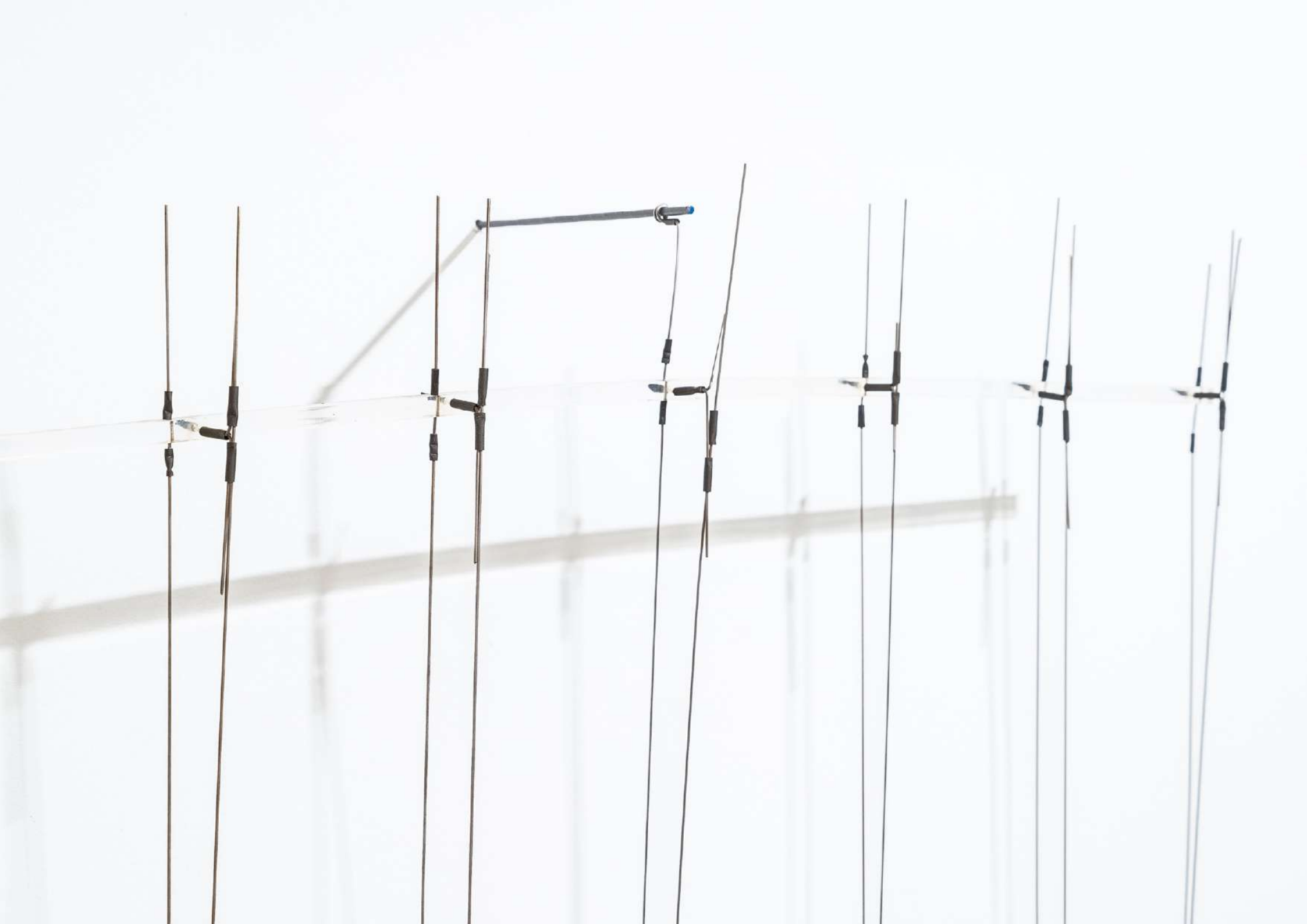


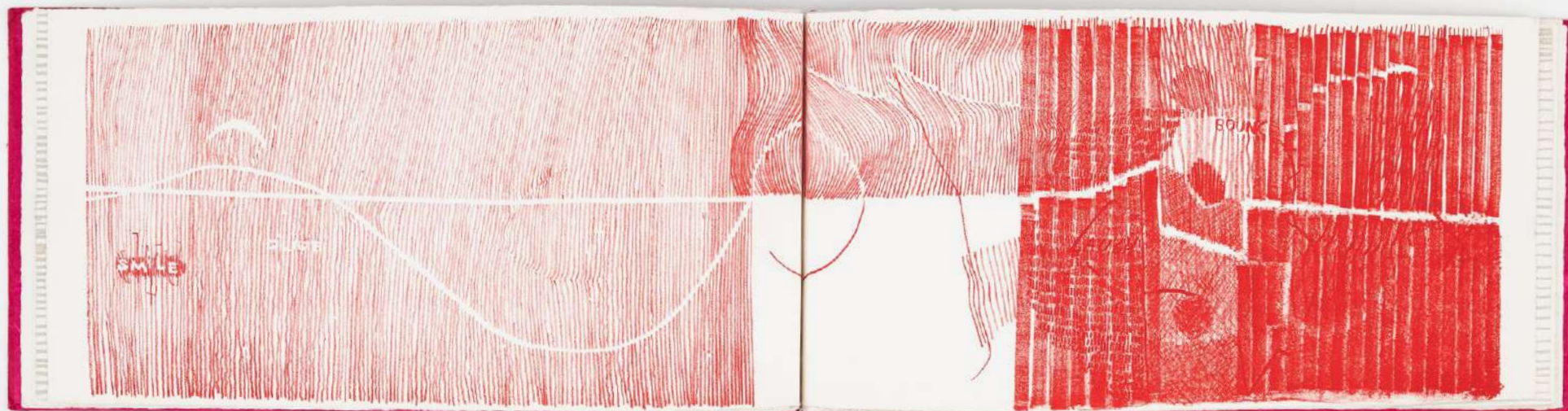
vista da exposição, Gego: *Measuring Infinity*, 2023 Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA.
Foto: David Heald ©



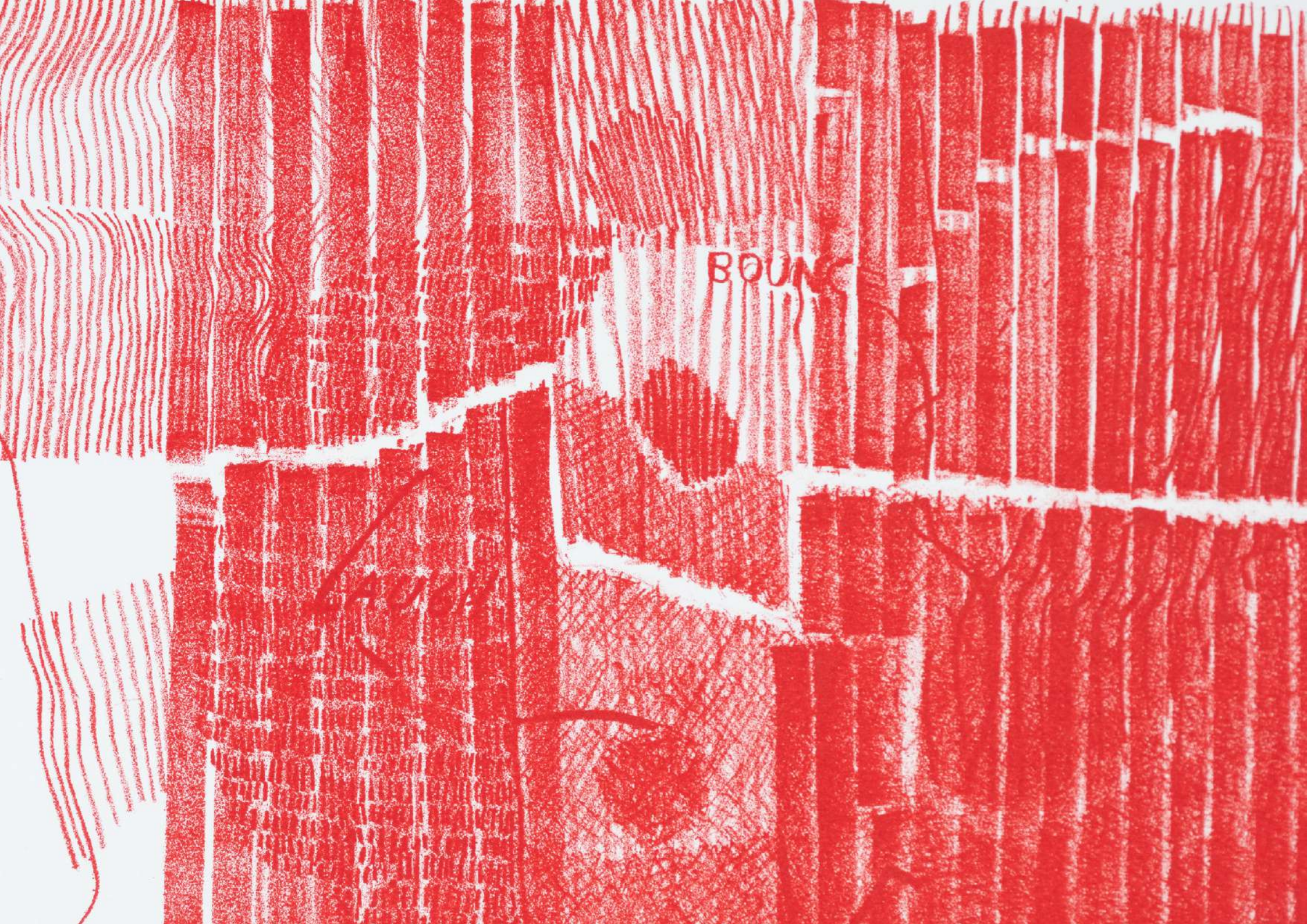


Gego (Gertrud Goldschmidt)
Drawing without paper 76.11, 1976
acrílico, aço e ferro
70 x 60 x 5 cm
27.6 x 23.6 x 2 in





Gego (Gertrud Goldschmidt)
Líneas, 1966
litogravura sobre papel japonês
(Tamarind Institute)
edição 12 de 20
20 x 41 cm
7.9 x 16.1 in



BOUND

LAUGH



Sheila Hicks, 2019.
Foto: Cristobal Zanartu ©

Sheila Hicks
Bâtons de paroles, 2024
fibra sintética, algodão,
bambu e poliéster
206 x 195 cm
81.1 x 76.8 in



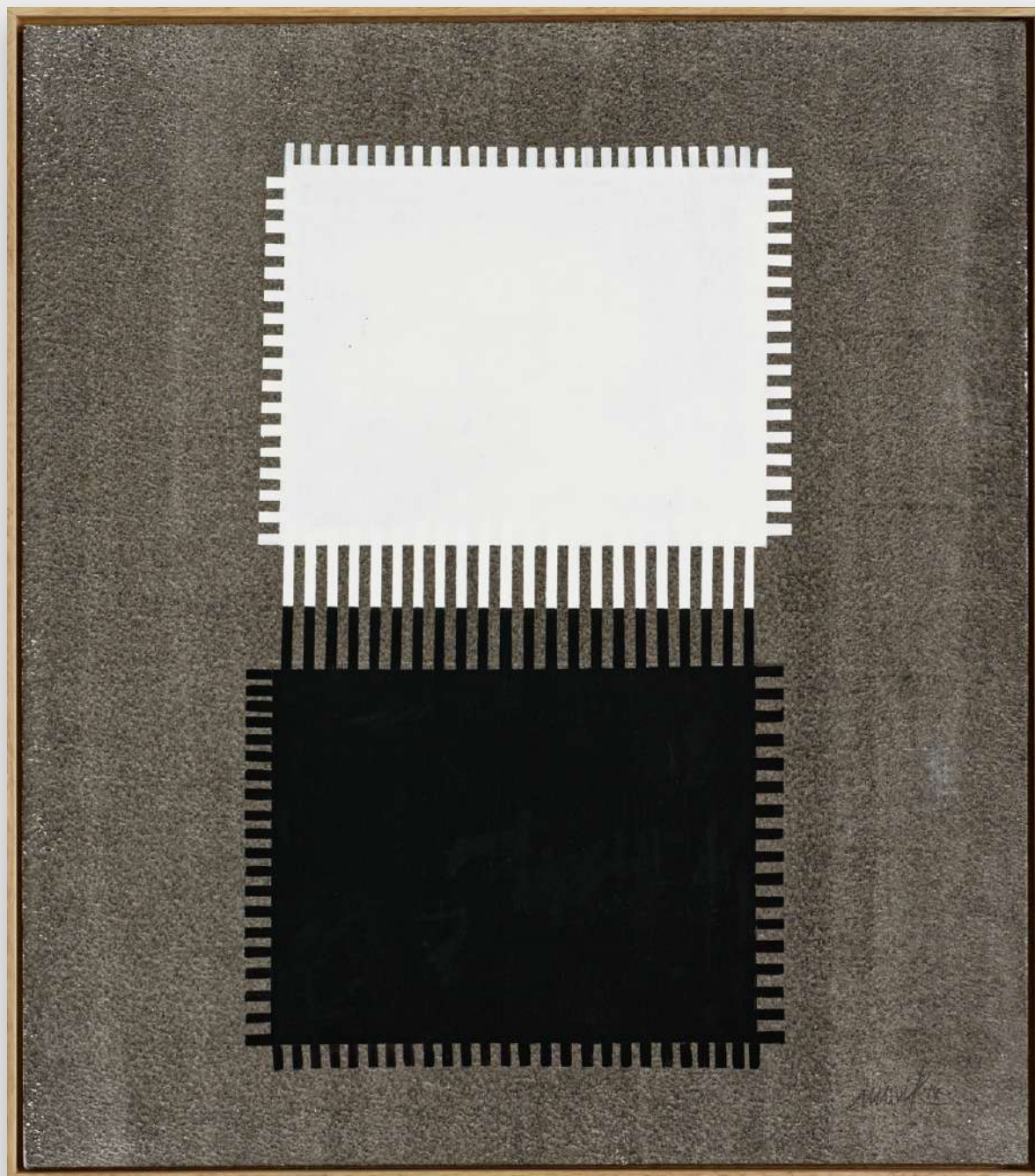


Em *Batons de Paroles*, Hicks faz uma releitura de um antigo objeto indígena de mesmo nome, muito utilizado por povos indígenas da costa oeste dos Estados Unidos. Nessas culturas, o *Baton de Parole* pode ser usado tanto por lideranças enquanto um símbolo de autoridade, quanto um objeto a ser transmitido para uma pessoa enquanto ela fala para um grupo. Neste trabalho, a artista envolve tais objetos, construídos em bambu, com fibras sintéticas, algodão e poliéster, tal como faz em seus *Boules*.

mais sobre sheila hicks

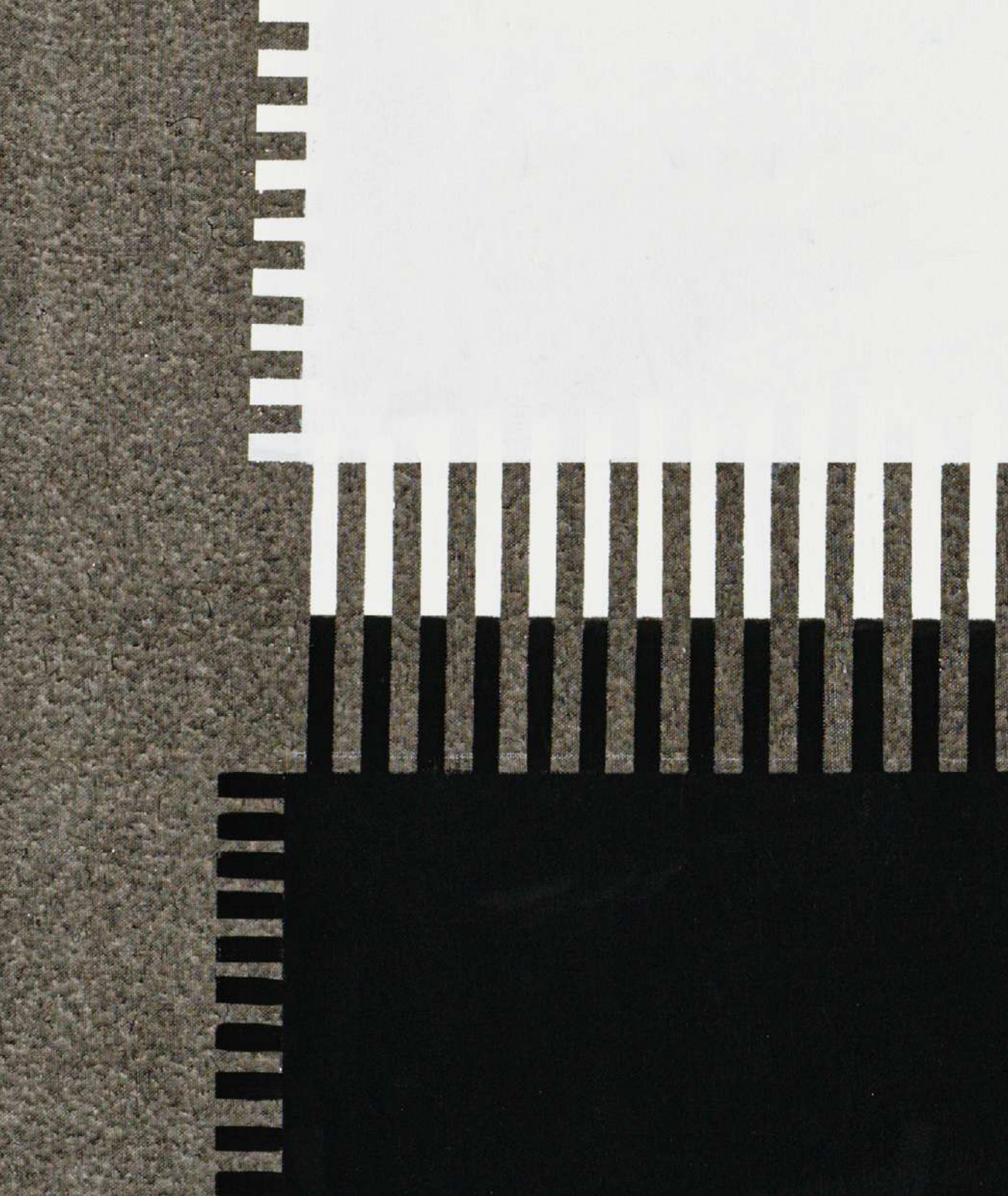


Heinz Mack
em seu estúdio, 2010



Heinz Mack
*Sem título (Chromatic
constellation)*, 2014
tinta acrílica sobre tela
148 x 130 cm
58.3 x 51.2 in





Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Desde o início da década de 1990, contudo, Mack retomou a prática da pintura dando continuidade à sua pesquisa sobre luz, cor e ritmo. Por meio dessa linguagem, o artista entrelaça luz, cor e movimento de forma intrincada, para que um exista e se valorize pelas qualidades dos outros. Essas obras de Mack caracterizam-se pelo uso cromático de alta consistência, ancorando sua prática na modulação de cor de modo a alcançar aquilo que ele define como vibração cromática.

[mais sobre heinz mack](#)



vista da exposição
The Light In Me, 2023
Osthaus Museum,
Hagen, Alemanha

Heinz Mack
*Sem título (Chromatic
constellation)*, 2011
tinta acrílica sobre tela
74 x 93 cm
29.1 x 36.6 in







vista daa exposição
The Light In Me, 2023
Osthaus Museum,
Hagen, Alemanha

Norberto Nicola.
Foto: crédito não encontrado







Norberto Nicola
Ciranda, 2002
lã em tear manual,
fibras vegetais
e pigmentos
194 x 146 x 19 cm
76.4 x 57.5 x 7.5 in



Norberto Nicola foi um dos principais responsáveis por trazer pressupostos modernistas para a tapeçaria brasileira. Tendo iniciado sua trajetória na década de 1950, sob forte influência da abstração geométrica, conheceu nesse período Jacques Douchez, com quem fundou o Ateliê Douchez-Nicola, ateliê de tapeçaria, que existiu até a década de 1980. Os dois artistas tratavam seus trabalhos em tapeçaria não mais como apenas suportes de elementos visuais, mas sim como algo a ser explorado em sua materialidade. Nas palavras dos mesmos: “objetos tecidos”. Desse modo, os trabalhos foram progressivamente ganhando volumetria e tridimensionalidade, justamente num momento em que, na arte brasileira e internacional, começavam-se a misturar elementos da pintura e da escultura.

Os trabalhos de Nicola chamam atenção para seu caráter orgânico, no qual elementos têxteis assumem diferentes formatos, espessuras e texturas, muitas vezes remetendo a elementos vegetais, como galhos, ramos e folhagens. O artista empregava também diferentes tipos de fibras vegetais, úteis para a exploração de elementos como elasticidade e tensão.

mais sobre norberto nicola



vista da exposição *As Formas*
Tecidas com trabalhos de
Jacques Douchez e Norberto Nicola.
Foto: Karina Bacci ©



Tomie Ohtake em seu estúdio



Entre 1959 e 1961, motivada pelo amigo próximo e crítico de arte Mário Pedrosa, Tomie Ohtake iniciou uma investigação sobre novos procedimentos e técnicas que a libertassem dos modos tradicionais de percepção e produção de pinturas. Ao colocar uma venda sobre seus olhos, a artista podia aplicar livremente as pinceladas sobre a superfície do quadro, criando composições abstratas que ficaram conhecidas como *Pinturas cegas*. Mesmo tendo um diálogo próximo com os principais representantes da abstração geométrica, Ohtake sempre almejou produzir uma arte que não estivesse diretamente ligada a manifestos ou regras estilísticas vinculadas a um grupo. Enquanto trabalhava com o abstracionismo, criou pinturas advindas de uma extensa pesquisa individual capaz de permitir a experimentação exaustiva que culminou em uma forma de abstração intuitiva e organizada.



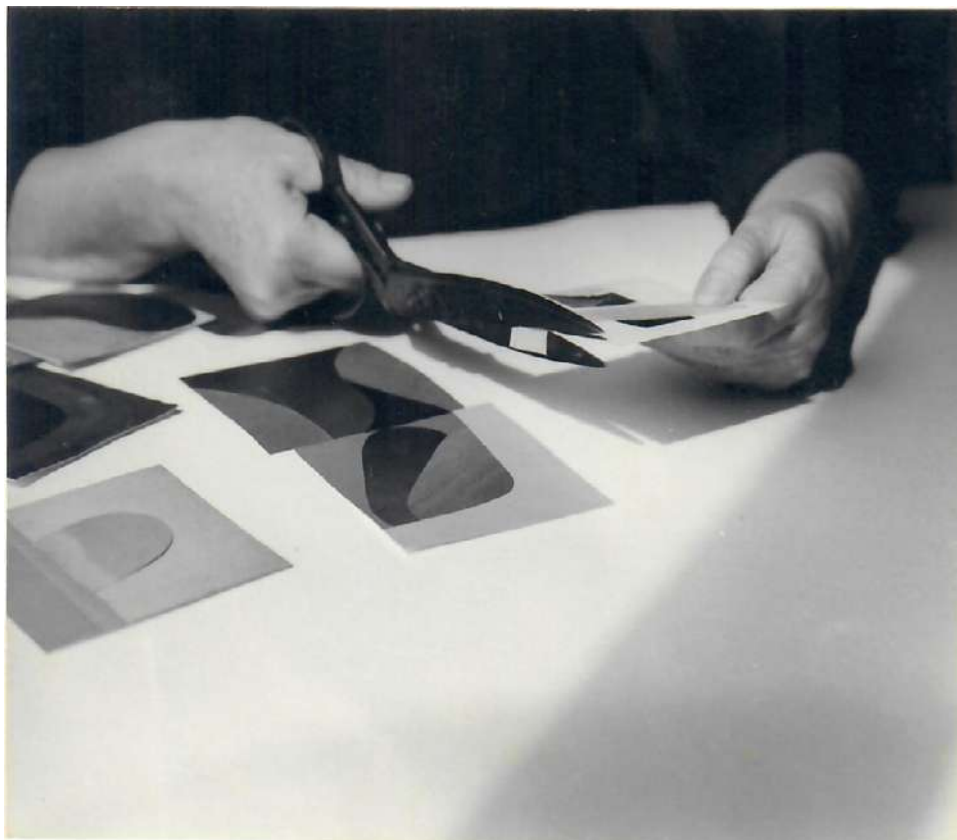
Tomie Ohtake
Sem título, 1961
tinta óleo sobre tela
75 x 85 cm
29.5 x 33.5 in

vista da exposição
Tomie Ohtake – pinturas cegas, 2012
Fundação Iberê Camargo,
Porto Alegre, Brasil
Foto © Fabio Del Re_VivaFoto



Tomie Ohtake
Sem título, 1962
tinta óleo sobre tela
85,5 x 50 cm
33.7 x 19.7 in

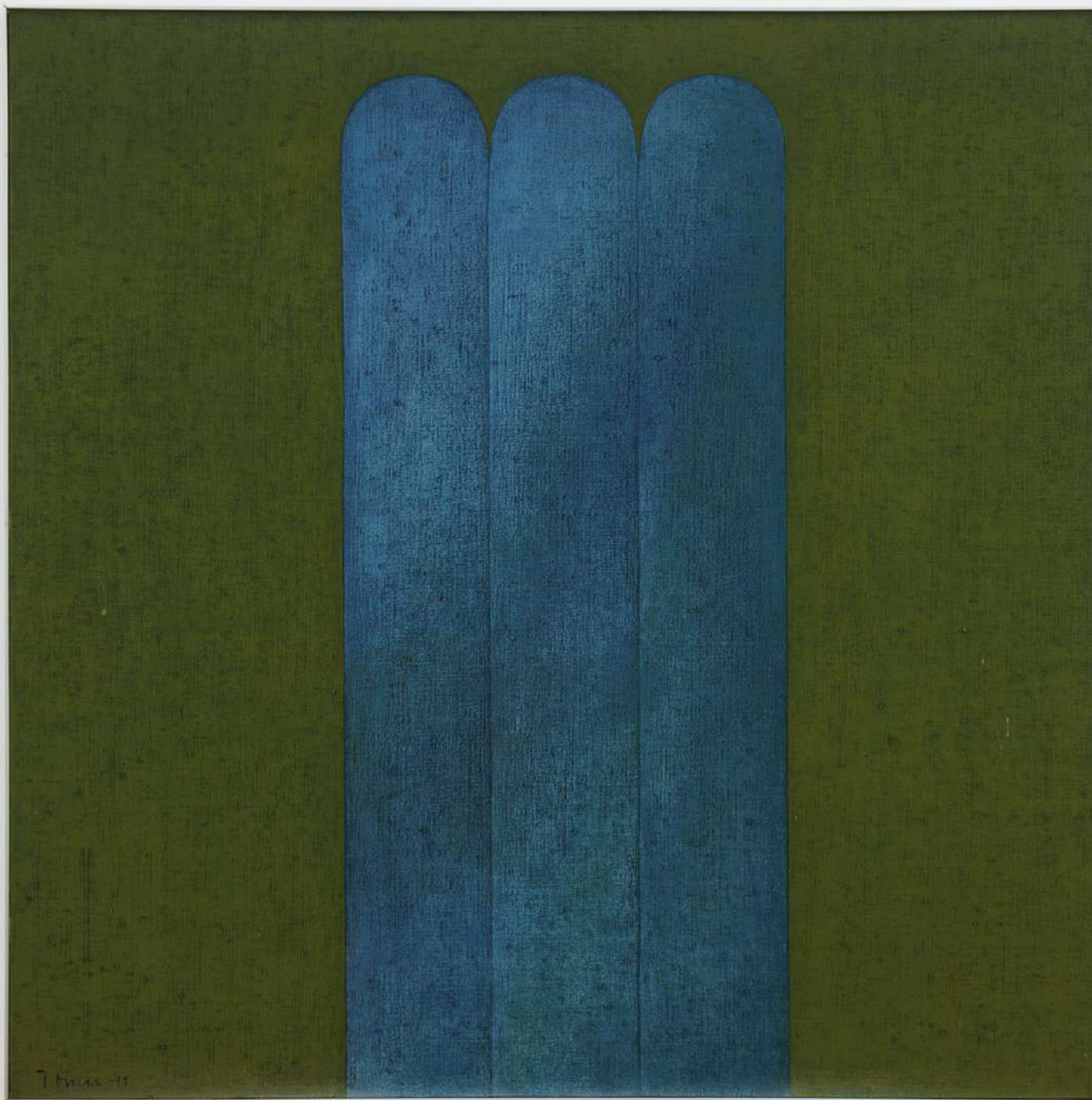




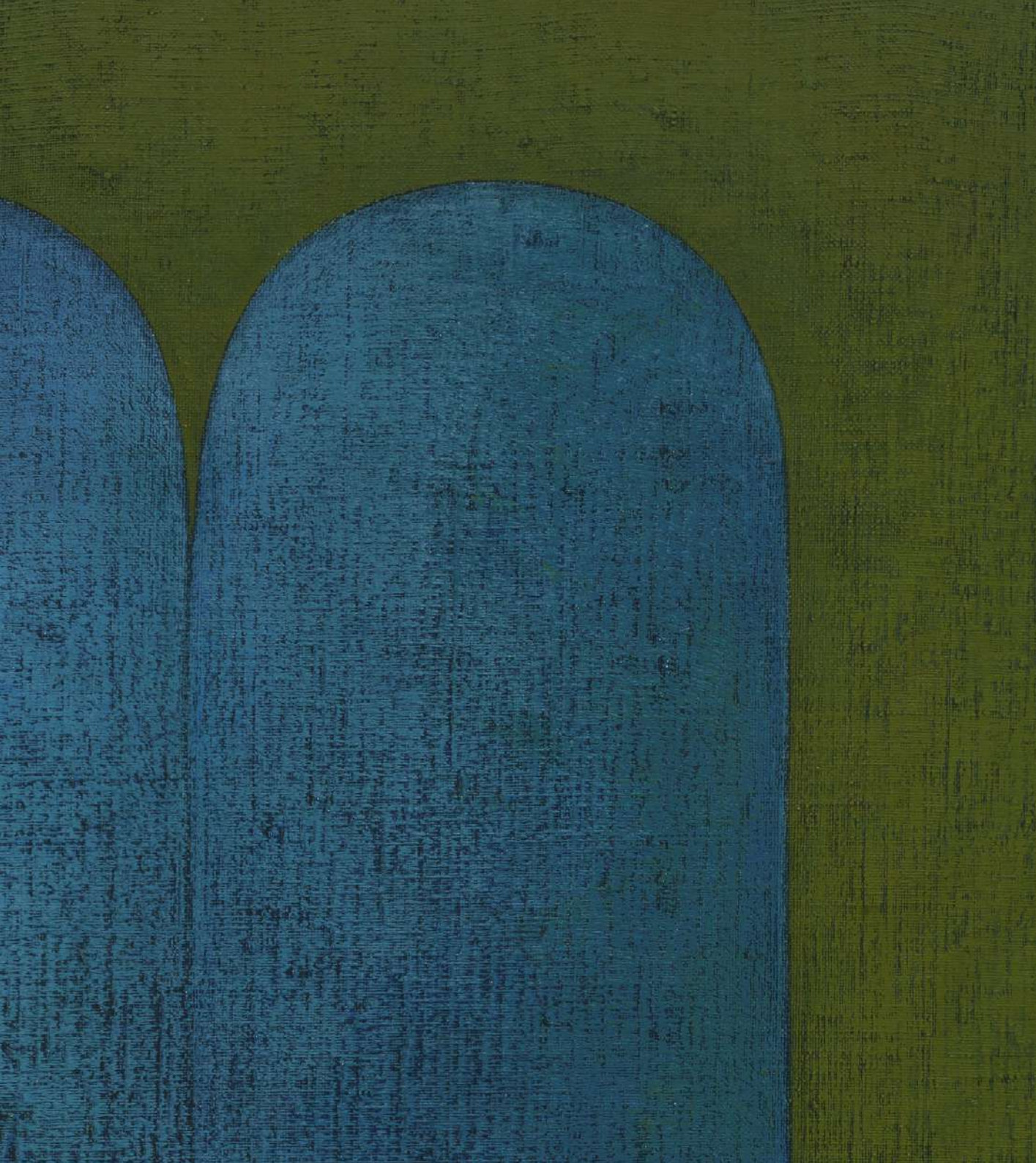
Tomie Ohtake em sua casa ateliê,
década de 1980
Campo Belo, São Paulo | SP, Brasil

→ [próxima página]
vista da exposição
*Tomie Ohtake: Nas pontas
dos dedos*, 2018
Galeria Nara Roesler,
Rio de Janeiro, Brasil





Tomie Ohtake
Sem título, 1979
tinta óleo sobre tela
100 x 100 cm
39.4 x 39.4 in



Os trabalhos feitos com papéis rasgados deram lugar, na década de 1970, a trabalhos feitos a partir de colagens em que a ferramenta principal era a tesoura. Essa mudança de instrumento permitiu realizar obras com contornos mais nítidos, devido ao maior domínio exercido pela artista sobre o resultado. Segundo o curador Paulo Miyada, essa “era uma forma de lidar com a instantaneidade do gesto e impregnar todo o processo de pintura com seu equilíbrio entre acaso e controle”. Outros pontos de destaque são a notória expansão da paleta cromática, tornada mais rica e vibrante, assim como o estabelecimento de uma relação mais direta entre a textura da pintura final e aquela apresentada nos materiais da colagem que lhe servem de base. O resultado, ainda que abstrato, não se encaixa nas definições de abstração informal, ou tachismo, em que o gesto da pintura, o rastro da mão sobre a tela, são determinantes do estilo. De fato, essas obras estão relacionadas com abstrações orgânicas, a forte presença de formas ovalares, de arcos, tubos, curvas etc. que nos sugerem paisagens.

mais sobre tomie ohtake



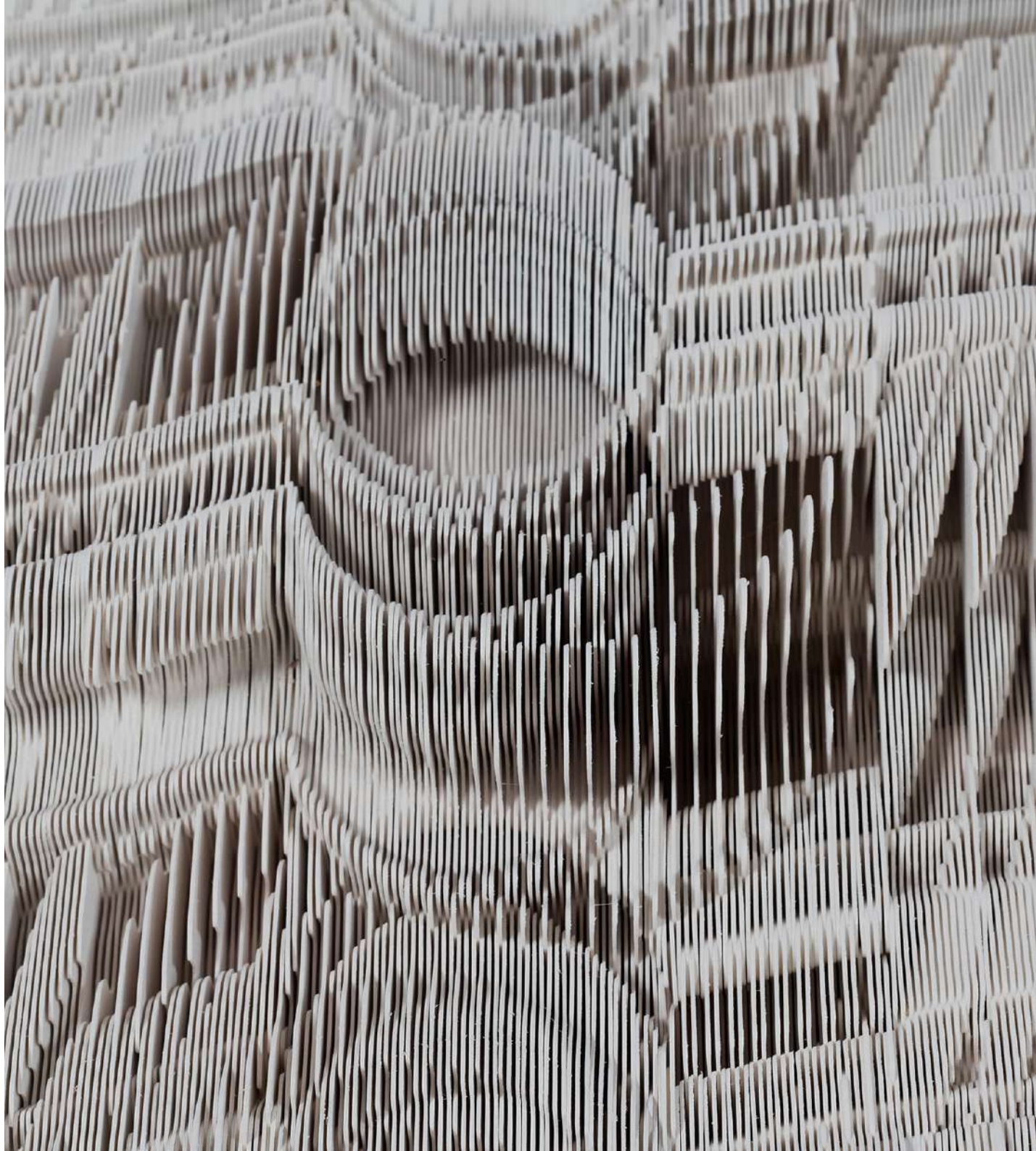
Abraham Palatnik
Sem título, 1987
Relevo progressivo em
cartão duplex e madeira
67 x 60 cm
26.4 x 23.6 in



Um dos principais nomes da arte cinética brasileira e latino-americana, Abraham Palatnik teve em seus *Relevos Progressivos* um importante veículo de experimentação no que se refere a sua pesquisa sobre movimento. Nesse conjunto de trabalhos, desenvolvidos a partir da década de 1960, o artista explora através dos mais variados materiais, como madeira, cartão e resina poliéster, ritmos cinéticos virtuais, obtidos a partir de contrastes cromáticos, diferentes texturas ou padrões já existentes nos suportes.

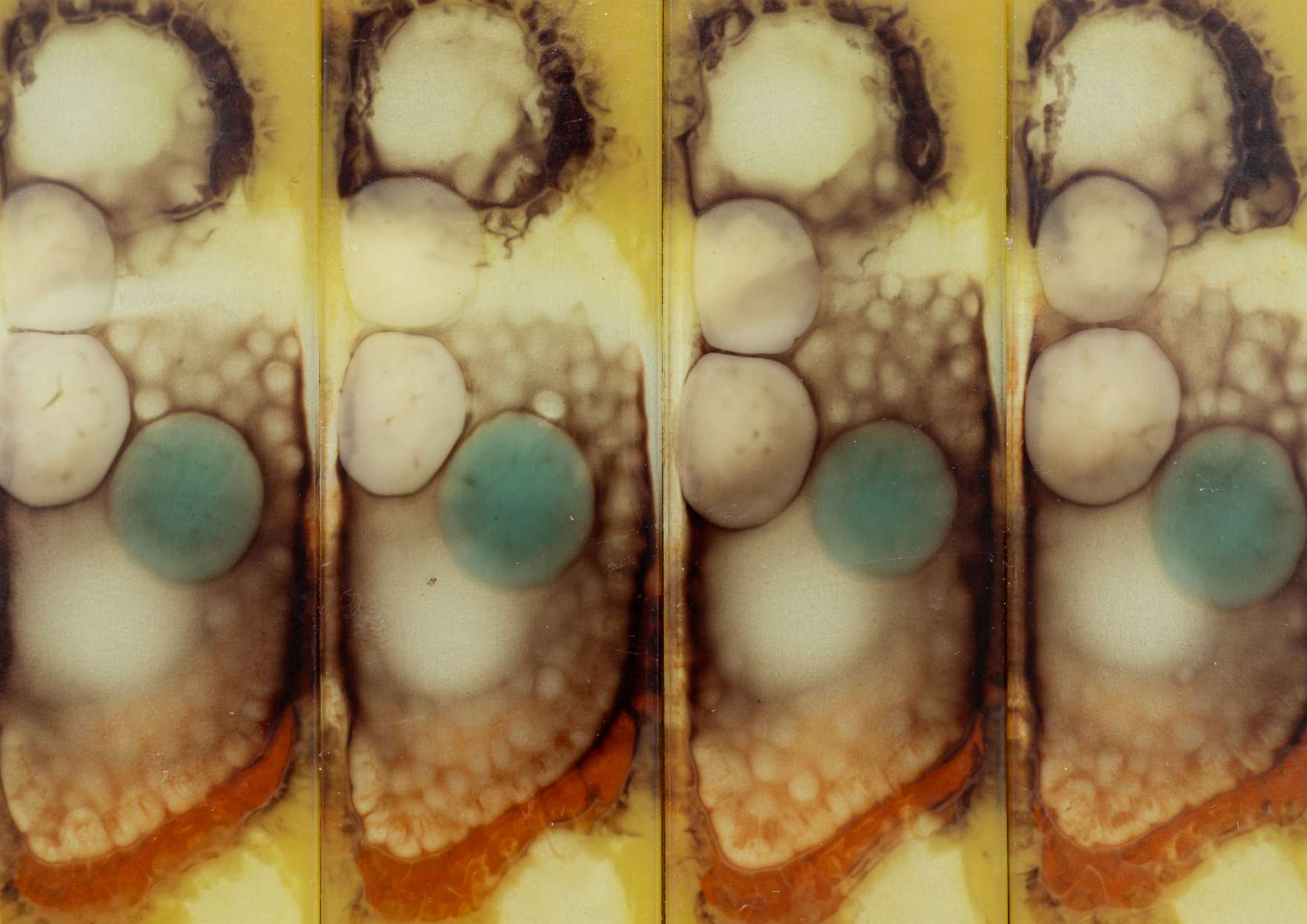
O ponto de partida dessa série se deu após o artista observar, em uma marcenaria, as formas dos veios presentes na superfície da madeira, padrões da natureza que indicam uma progressão. A partir disso, resolveu justapor pedaços de madeira, criando diferentes composições.

mais sobre abraham palatnik





Abraham Palatnik
Sem título, 1973
placas de resina poliéster
59,5 x 48,5 cm
23.4 x 19.1 in





vista da exposição
Outros ritmos, 2023
curado por Agnaldo Farias na
Nara Roesler, São Paulo, Brasil

Abraham Palatnik
Progressão, 1970
madeira jacarandá
41,2 x 32,3 cm
16.2 x 12.7 in





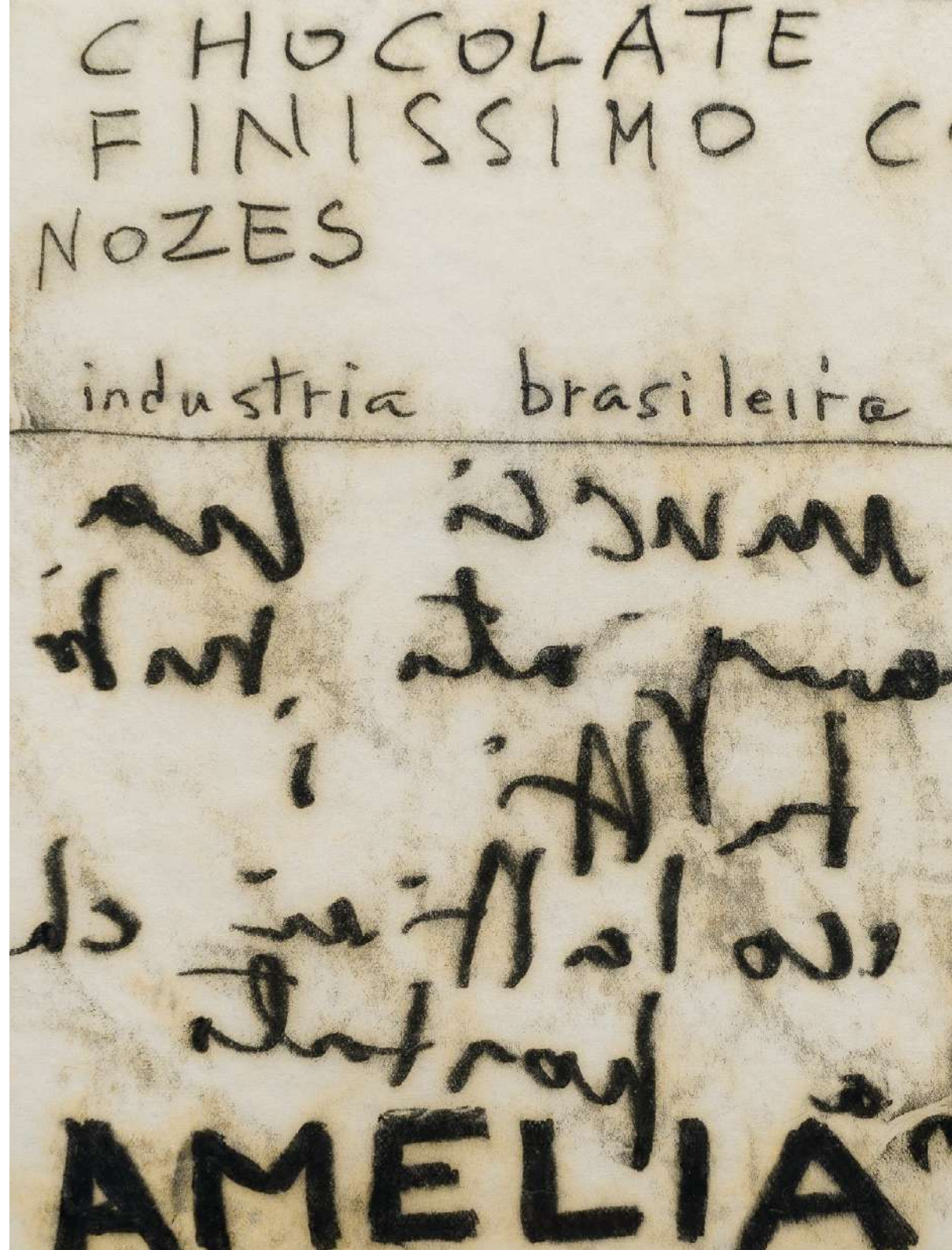
Mira Schendel, 1966
Foto: Clay Perry. Cortesía de
England & Co. Gallery, Londres



Ao longo da década de 1960, Mira Schendel experimentou diferentes linguagens, materiais e suportes, ampliando sua prática artística e poética. Dentre os trabalhos mais marcantes desse período estão as monotipias que produziu sobre papel de arroz entre 1964 e 1966. Essas obras são feitas a partir do entintamento de uma lâmina de vidro sobre a qual é aplicada uma folha de papel. O traçado de linhas é feito no avesso do papel com a unha ou algum instrumento pontiagudo. Desenhar pelo verso é uma opção conceitual, pois a artista pesquisa assiduamente um meio de se aproximar da transparência. Como afirma o crítico de arte Rodrigo Naves, esse traço indireto diminui o controle sobre o resultado, incorporando irregularidades e imprecisões que interessam à artista mais do que a vontade de ordenação e o controle dos meios.

O conjunto de monotipias em questão foi feito na ocasião em que a família da artista Amelia Toledo, de quem Mira Schendel era amiga, estava embarcando em uma viagem de navio para Portugal, país no qual passariam a residir. Os escritos presentes no trabalho, não por acaso, fazem menção a essa jornada. Foi por meio dessa amizade, inclusive, que Mira Schendel fez uma exposição em Lisboa.

mais sobre mira schendel

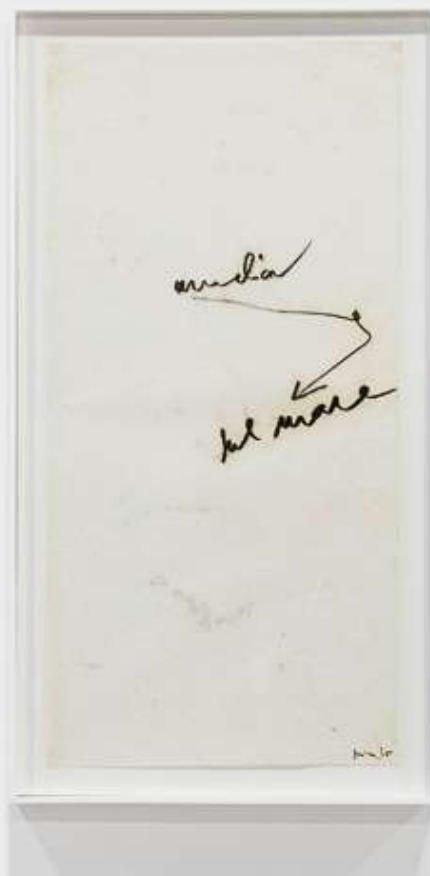


Mira Schendel
Sem título, 1965
monotipia
47 x 22,5 cm
18.5 x 8.9 in





Mira Schendel
 Sem título, 1965
 monotipia
 8 partes de
 20,5 x 10,2 in (cada)



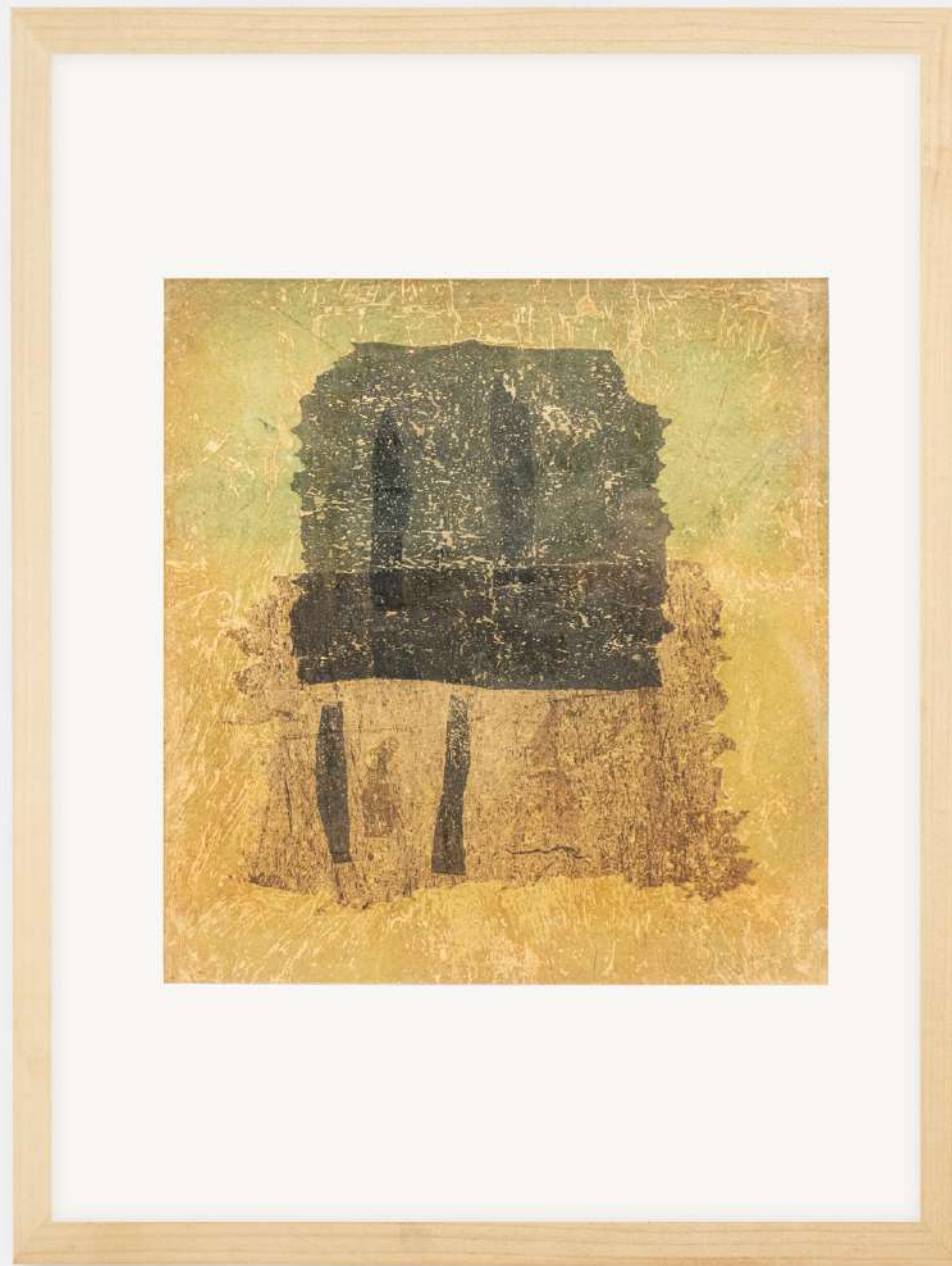


vista da exposição *Mira Schendel*, 2013
no Tate Modern, Londres, Inglaterra.
Foto: Tate Photography





Amelia Toledo.
Foto: Paulo França ©



Amelia Toledo
Colagem, 1958
papel de arroz tingido
e papel de seda impregnado
com cera de abelha
45,5 x 42,5 cm
17.9 x 16.7 in



Amelia Toledo
Sem títulos, da série
Campos de cor, 1997
tinta acrílica sobre juta
90 x 90 cm
35.4 x 35.4 in





vista da exposição *Amélia Toledo:*
Paisagem Cromática, 2024
MuBE, São Paulo, Brasil

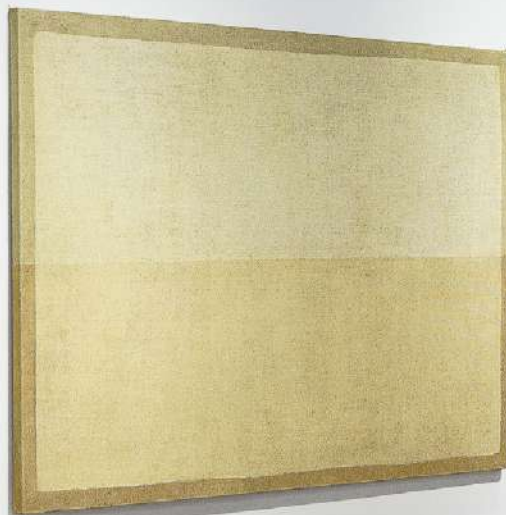


A partir da década de 1980, Amelia Toledo retoma a pintura em sua prática poética, trazendo investigações que antes realizava em outros meios para o campo pictórico. Um exemplo são os trabalhos da série *Campos de Cor*, nos quais a artista explora a gestualidade de maneira silenciosa e delicada, porém bastante expressiva. As sutis gradações cromáticas e tonalismos criam uma composição dinâmica e ao mesmo tempo silenciosa.

Em *Horizontes*, outra sequência de trabalhos em pintura, a artista explora a questão da paisagem. Na tela, duas áreas de cor dividem o espaço, compondo gradações que denotam as margens. Sua economia visa a exatidão, ela atinge a pintura em seu cerne, no limiar entre a representação e a abstração, voltando-se para a própria materialidade do meio. Nessas composições as cores formam pares por proximidade não só espacial, mas tonal.

[mais sobre amelia toledo](#)

Horizontes, vista da exposição
Amélia Toledo: Paisagem Cromática, 2024
MuBE, São Paulo, Brasil



gego (gertrud goldschmidt)

n. Hamburgo, Alemanha, 1912

m. Caracas, Venezuela, 1994

De origem alemã, Gego estudou arquitetura e engenharia em Stuttgart. Diante do crescente antissemitismo em seu país natal, ela migrou para a Venezuela em 1939, onde começou a trabalhar como arquiteta. Sua carreira como artista começou de fato na década de 1950, trabalhando primeiro com aquarelas, monotipias e xilogravuras, antes de passar para as estruturas tridimensionais de metal.

Contemporânea de artistas como Carlos Cruz Diez, Alejandro Otero e Jesús Soto, Gego se tornou uma artista de destaque na abstração geométrica e na arte cinética, movimentos alinhados com a vanguarda europeia pré-guerra, que floresceu na Venezuela e na América Latina entre o final da década de 1940 e a década de 1960. Durante toda a sua vida, ela se preocupou em investigar três formas de sistemas: linhas paralelas, nós lineares e o efeito de paralaxe - em que a forma de um objeto estático muda devido ao movimento da posição de observação do espectador. Ela explorou a relação entre linha, espaço e volume em uma variedade de esculturas de arame sistemáticas e radicais. Além disso, suas formas orgânicas, estruturas lineares e abstrações modulares abordaram metodicamente as noções de transparência, energia, tensão, relação espacial e movimento óptico.

exposições individuais selecionadas

- *Gego: Measuring Infinity*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2023)
- *Gego: A Linha Emancipada*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Between the Lines: Gego as a Printmaker*, Amon Carter Museum of American Art, Fort Worth, EUA (2017)
- *Gego: Between Transparency and Invisible*, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2005)

exposições coletivas selecionadas

- *Unfinished: Thoughts Left Visible*, The Met Breuer, Nova York, EUA (2016)
- *Zero*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2014)
- *Geometric Abstraction: Latin American Art in the Patricia Phelps de Cisneros Collection*, Fogg Art Museum, Cambridge, EUA (2001)

coleções selecionadas

- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latino Americano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, EUA

← voltar para o trabalho

sheila hicks

n. Hastings, EUA, 1934.

Vive e trabalha em Paris, França

Sheila Hicks é uma das mais importantes artistas do modernismo tardio no Ocidente, além de pioneira no uso de técnicas têxteis para a produção de trabalhos de arte, ela possui presença destacada no panorama da arte contemporânea desde a década de 1960. Sua produção iniciou-se no final dos anos 1950, logo após ter finalizado seus estudos na Yale Art School, em que esteve em contato com os ensinamentos de mestres como Josef Albers, Rico Lebrun, Bernard Chaet e George Kubler. Artista global avant la lettre, Hicks realizou inúmeras viagens nas quais dedicava-se a estudar a cultura de cada lugar e suas práticas locais, com foco, sobretudo, naquelas relacionadas à tecelagem e à produção têxtil em países como México, Marrocos, Índia, Coreia, Japão, Peru, Israel, Suécia e África do Sul.

Seu trabalho caracteriza-se pela investigação da escala, variando do mínimo ao monumental e frequentemente ocupando o espaço limiar entre arte, design, artesanato e arquitetura. Dentro da multiplicidade de sua produção, Sheila Hicks confere sempre à cor papel de destaque, de modo a evocar suas incursões iniciais na pintura. Ela utiliza sua prática na tecelagem como uma extensão da pintura – “uma pintora perdida na selva de fibras buscando encontrar uma saída”, brinca a artista ao comentar sua relação com a técnica têxtil. Hicks também se tornou conhecida por utilizar uma vasta gama de materiais, desde pedaços de ardósia e fios até uniformes de enfermeiros e militares. Recentemente, Hicks começou a realizar experimentos com materiais biodegradáveis, que, embora estejam fadados a se desintegrar fisicamente, não chegam propriamente a desaparecer, uma vez que a artista procura despertar, ou construir, experiências memoráveis, perenes e auráticas.

exposições individuais selecionadas

- *Reencuentro*, Museo Chileno de Arte Precolombino, Santiago, Chile (2019)
- *Sheila Hicks: Lignes de Vie*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Hop, Skip, Jump, and Fly: Escape From Gravity*, The High Line, Nova York, EUA (2017)
- *Sheila Hicks: Hilos libres. El textil y sus raíces prehispánicas, 1954–2017*, Museo Amparo, Puebla, México (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Surrounds – 11 installations*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *Weaving Beyond the Bauhaus*, The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2019)
- *Making Knowing: Craft in Art, 1950-2019*, Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA (2019)
- *Beyond Craft*, Tate Modern, London, Reino Unido (2018)
- *Voyage d’Hiver*, Château de Versailles, Versailles, França (2017)
- 57th Biennale di Venezia, Venice, Itália (2017)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Industriet Museum, Oslo, Noruega
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido

← voltar para o trabalho

heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha

vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

O trabalho de Heinz Mack caracteriza-se por estabelecer relações inovadoras com a luz. Tomando-a como matéria, ele identifica e explicita os modos como ela afeta e é afetada pelo movimento, pelo espaço e pela cor. Tendo esses preceitos como núcleo de sua prática, o artista tem desenvolvido de forma rigorosa e arguta um conjunto de obra multifacetado que continuamente aponta para novos horizontes na arte.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para o trabalho

exposições individuais selecionadas

- *The light in Me*, Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
- *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza, Itália (2022)
- *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture*, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
- *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
- *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
- *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
- *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *Parallel inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)*
- *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)
- *New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950s–60s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
- *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
- 35th Venice Biennale, Itália (1970)
- *Documenta II* (1959) and *Documenta III* (1966), Kassel, Alemanha

coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate, Londres, Reino Unido

norberto nicola

n. 1931, São Paulo, Brasil

m. 2007, São Paulo, Brasil

Norberto Nicola iniciou sua carreira na década de 1950, período em que a abstração geométrica ganhava força no Brasil. Montou com Jacques Douchez, em 1957, o Ateliê Douchez-Nicola, voltado para tapeçarias, que manteve até 1980.

Em uma época em que os limites entre pintura e escultura começavam a ser tensionados, Nicola foi um dos responsáveis por trazer esse tipo de questionamento para a tapeçaria. Usando uma variedade de materiais, como lã, linho, serapilheira, sisal e vime, ele criou tapeçarias tridimensionais que se assemelhavam a elementos vegetais e orgânicos, assumindo configurações semelhantes a selvas e arbustos. Tudo isso combinado com cores intensas e uma textura acentuada.

← voltar para o trabalho

exposições individuais selecionadas

- *Norberto Nicola: Trama Ativa*, Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- *Norberto Nicola: Tapeçaria Contemporânea*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *Os pássaros de fogo levantarão voo novamente: As formas tecidas de Jacques Douchez e Norberto Nicola*, Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Artistas da Tapeçaria Moderna II*, Passado Composto, São Paulo, Brasil (2016)
- *Vontade Construtiva na Coleção Fadel*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- *Dimensions of Constructive Art in Brazil: The Adolpho Leirner Collection*, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2007)

tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, em 1913, mudando-se para o Brasil em 1936. Sua carreira artística teve início aos 37 anos quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de descendência japonesa. No final da década de 1950, ao abandonar a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Nessa fase, realizou a série conhecida como *Pinturas cegas* em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, ela realizou uma primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos esculturais de grande escala, assim como esculturas públicas em São Paulo e cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

[clique para ver cv completo](#)

← voltar para o trabalho

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Persistência do visível*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: Nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940-70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, Londres, Reino Unido (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington, EUA (2013)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- M+, Hong Kong
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tóquio, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismo brasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

← voltar para o trabalho

mira schendel

n. 1919, Zurique, Suíça

m. 1988, São Paulo, Brasil

Nascida em Zurique, Suíça, Mira Schendel mudou-se para Milão, Itália, na década de 1930, onde começou a estudar arte e filosofia, que abandonou devido à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Mudou-se para Roma em 1946 e, em 1949, obteve permissão para se mudar para o Brasil.

Estabeleceu-se em Porto Alegre, onde trabalhou com design gráfico, pintura, escultura em cerâmica, poemas e restauração de imagens barrocas, assinando com seu nome de casada Mirra Hargesheimer. Sua participação na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, permitiu-lhe o contato com experiências internacionais e a inserção no cenário nacional.

Dois anos depois, mudou-se para São Paulo e adotou o sobrenome Schendel. Na década de 1960, criou trabalhos em papel de arroz. Em 1968, começou a produzir trabalhos em acrílico. Entre 1970 e 1971, produziu um conjunto de 150 cadernos, divididos em várias séries. Na década de 1980, produziu tempera branca e preta, os *Sarrafos* e inicia uma série de pinturas com pó de tijolo. A produção artística de Mira Schendel, marcada pela constante experimentação, consiste em múltiplas séries de obras, bastante diversas em termos de formato e dimensões, da mídia escolhida e da técnica, mas que são consistentes entre si em termos das questões que levantam.

exposições individuais selecionadas

- *Mira Schendel*, Tate Modern, London, Reino Unido (2013)
- *Mira Schendel Pintora*, Instituto Moreira Salles, São Paulo, Brasil (2011)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, London, Reino Unido
- The Museum of Fine Arts, Houston, EUA

← voltar para o trabalho

amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil

m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para o trabalho

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasileana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art